

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2025

ANO 10 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: CRISTIANA MUSA

Uma sociedade crítica se constrói com cultura

Introdução e incentivo à cultura e diversidade nas escolas atuam como ferramentas emancipadoras

Repórter: Rafael Cunha

Cristiana Rocha Augusto Musa ou Cris Musa, como se apresenta, é fundadora e diretora pedagógica de uma escola particular em Ribeirão Preto. Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a diretora participa de palestras de incentivo à educação pautada no estudante, com viés cultural. Sua atuação na educação atinge crianças de um ano e alcança até o último ano do ensino médio. Nesta entrevista, Cris Musa conta um pouco da sua trajetória na educação, suas inspirações e fala sobre temas que são pautas frequentes no dia-a-dia não só na cidade de Ribeirão Preto, mas também do Brasil. A educadora explica sobre seus ideais de educação, que vão além da escola que fundou, buscando demonstrar o valor da cultura na educação como um todo.



MURAL ENTREVISTA - Por que a senhora escolheu cursar Pedagogia?

CRIS MUSA - No ensino médio estava um pouco perdida, mas sempre tive uma forte ligação com crianças. Gostava delas, de brincar e criar momentos juntos. Venho de família grande e sempre gostei do ambiente escolar — acho que daí veio a vontade de ser educadora. Escolhi pedagogia e, com o tempo, esse interesse cresceu. Entrei na faculdade em 1984, vinda de uma escola pública que, apesar de bons professores, já enfrentava tempos difíceis. A graduação me fez compreender o papel político da educação e acreditar na transformação das pessoas e do mundo pelo conhecimento. A universidade pública ampliou essa visão: trabalhar por uma sociedade mais justa e igualitária.

O que te motivou a fundar a própria escola, sob sua direção e com seu próprio viés pedagógico?

Durante a graduação, conheci escolas inovadoras, com novas metodologias e práticas em São Paulo e Campinas. Percebi ser possível construir uma escola diferente, com boas situações de aprendizagem e foco na formação integral. Acredito que a escola deve ensinar além de português e matemática, convivência, respeito e trabalho coletivo. Depois de formada, trabalhei na creche da USP e na Escola da Vila, onde compreendi essa virada essencial: olhar mais para o aluno — como aprende, se desenvolve e constrói conhecimento.

Durante sua vida como aluna, como os professores e aulas influenciaram a senhora a ser quem é hoje?

Minha formação foi marcada por bons professores,

mesmo em uma escola pública com dificuldades. Eles me inspiraram, mostrando a importância da dedicação e do compromisso do educador que vai além do conteúdo. Essa vivência me fez perceber o quanto a escola pode ser transformadora, mesmo com poucos recursos, e me levou a acreditar que é possível fazer diferente — e melhor — com propósito e sensibilidade.

Em agosto foi publicada no Diário Oficial de Ribeirão Preto uma resolução que visa diminuir as aulas de artes e inglês no município. Como a senhora avalia essa decisão?

Há tempos vemos movimentos tentando reduzir o espaço da arte nas escolas, especialmente no ensino fundamental. A justificativa é fortalecer áreas consideradas mais “importantes”, como

português e matemática, diante das defasagens da escola pública. Compreendo essa preocupação, mas não acredito que o caminho seja tirar arte e cultura. A formação integral depende delas — ajudam na identidade, no pertencimento e na expressão. Além disso, sem investimentos na formação docente e nas condições de ensino, o reforço em português e matemática não se sustenta. A escola deve ser múltipla: quanto mais variadas as experiências, mais o aluno se reconhece e se desenvolve.

Nos últimos anos vem sendo muito discutido o novo modelo de Ensino Médio, com menos aulas da área de humanas. Qual o impacto que isso traz para o ensino brasileiro e os jovens em geral?

Reduzir disciplinas das ciências humanas empobrece a formação dos alunos. Essas áreas ajudam o jovem a se entender, refletir sobre o mundo, desenvolver senso crítico e empatia. A educação não pode ser apenas técnica ou voltada a resultados; precisa formar cidadãos conscientes, capazes de pensar, dialogar e participar da sociedade. Sem isso, perdemos parte essencial da formação humana.

O que fica faltando na formação de jovens que estudam em instituições que têm como foco principal o ingresso nas universidades por meio do vestibular?

Essas escolas acabam privando os alunos de uma formação ampla. Quando o foco é só o vestibular, o aprendizado real se perde entre simulados e repetições, limitando criatividade e curiosidade. Aqui, acreditamos que o essencial é desenvolver o pensamento: aprender a raciocinar, relacionar ideias e resolver problemas. Assim, o aprendizado faz sentido e o aluno se prepara para a

vida, não apenas para uma prova. Os resultados vêm naturalmente, mas o objetivo é formar pessoas críticas e autônomas.

Na atualidade, se vê muitos crimes de injúria e preconceito. Na sua visão, há relação entre um ensino técnico e burocratizado com o aumento dessas taxas?

Acolher e compreender a diversidade é essencial, mas vivemos em uma sociedade guiada por padrões elitistas e excludentes. Combatê-los é difícil, pois há um sistema que sustenta essas desigualdades. Na escola, o trabalho deve ser constante. Falamos sobre respeito, leis e instituições, promovendo conscientização. Muitos alunos reproduzem preconceitos sem perceber. O respeito vai além da tolerância — é ver o outro como igual e saber conviver. A escola precisa ter docentes preparados para agir diante do preconceito, com diálogo e formação. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO

Alunos da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO

Janio Warlem (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)